

A Ciência da Informação e a verdade: uma análise da literatura da área

Information Science and Truth: an Analysis of the Area's Literature

Luciana Maria Gomes de Alcântara | lucianaalcantara@id.uff.br

Graduada em Biblioteconomia e graduanda em Arquivologia pela UFF

Resumo Este artigo analisa de que forma a Ciência da Informação trata a verdade a partir da discussão do binômio informação-conhecimento. A proposta de estudo foi elaborada a partir da interdisciplinaridade, adequada à Ciência e à Pesquisa Científica, e a autores da Ciência da Informação, notadamente no âmbito da Biblioteconomia e Filosofia. São consideradas teorias da verdade, apresentado e discutido o conceito de informação, bem como a construção desse objeto dentro da própria área. Articulam-se os debates sobre informação e desinformação, sendo esta última discutida devido ao seu impacto no fluxo da informação desde os dados até a construção do conhecimento e consequente enunciação da verdade. Neste contexto, refletir sobre a desinformação e sua disseminação na sociedade,

onde o profissional da informação é um mediador entre o usuário e a informação, é lançar luz não só sobre a informação de natureza verdadeira e confiável, mas também sobre as distorções que têm repercussão, seja na vida social ou na atividade profissional. São discutidos artigos da literatura nacional e internacional da área, a fim de compreender os desafios dos profissionais da informação no contexto da presença da pós-verdade e da notícia falsa, no tratamento e na divulgação da informação e, portanto, da verdade, sem a pretensão de exaustividade sobre o tema ou construção de conceituação sobre o que é verdade.

Palavras-chaves verdade; noções de verdade; teorias da verdade; informação; desinformação

Abstract This paper analyses in which way Information Science deals with the truth from the discussion of the information-knowledge binomial. The study proposal was elaborated using the interdisciplinarity, which is suitable to Science and Scientific research, and authors from Information Science, notably in the scope of Library Science and Philosophy. Theories of truth are considered, the concept of information is presented and discussed, as well as the construction of this object within the area itself. Debates about information and disinformation are articulated, the latter being discussed due to its impact on the information flow from the data to the construction of knowledge and consequent enunciation of truth. In this context, to reflect on misinformation and its dissemination in society,

where the information professional is a mediator between user and information, is to shed light not only on information of a true nature and reliable sources, but also on the distortions that have quick repercussion, whether in social life or professional activity. Papers from the national and international literature in the field are discussed, in order to understand information professionals' challenges in the context of the presence of post-truth and fake news, in the treatment and dissemination of information and, therefore, of truth, without the claim of exhaustiveness on the topic or construction of conceptualization about what is truth.

Keywords truth; notions of truth; truth theories; information; disinformation

1. Introdução

Seja como uma vaga ideia, ou como um valor, a busca pela verdade baliza a aventura humana de viver, configurando-se em empreendimento ao qual o ser humano tem se dedicado desde tempos imemoriais. Nele se unem a curiosidade humana, considerada como um dos motores que levam a Humanidade a tentar compreender o que experimenta ao longo de sua existência, e a sua necessidade instintiva de sobrevivência.

O senso comum poderia considerar que buscar a verdade seja apenas uma questão de se reunirem, em momento oportuno, todos os recursos para que o homem proceda, incontinentemente, suas investigações e consequentes descobertas. Contribuindo para a formação do cenário adequado, o uso da aptidão humana para o abstrato parece estar diretamente ligado ao contexto social no qual o homem se insere. A Filosofia aponta a subjetividade humana como item imprescindível que pavimenta toda a trajetória de pesquisas, quer seja na construção do conhecimento, quer no tocante ao estabelecimento dos resultados obtidos como verdade ou como algo muito próximo a ela.

Neste sentido, ao se debruçar sobre os acontecimentos que têm mobilizado o mundo contemporâneo, detecta-se um fenômeno a partir da segunda metade do século xx quando, aliado ao imensurável volume de informação produzido, instaurou-se o uso destas informações, também em vertiginosa velocidade, sob a égide de inovações tecnológicas em permanente progressão. Modificações substanciais foram incorporadas à sociedade, como as novas tecnologias de informação e comunicação, o que levou os próprios saberes como um todo, e em especial a Ciência da Informação enquanto área da investigação aqui proposta, a se defrontar atualmente com o advento globalizado da desinformação, cujos efeitos rapidamente se disseminam na sociedade.

O mote que alavancou esta investigação foi observar o papel da Biblioteconomia e das instituições biblioteconômicas ao se cotejar informação *versus* desinformação no âmbito da Ciência da Informação, onde verdade, informação e conhecimento se encontram, se entrelaçam e percorrem trajetórias paralelas que, por vezes, convergem a ponto de serem consideradas como sinônimos, conquanto não o sejam.

A rápida trajetória da desinformação – do produtor ao consumidor –, exemplifica que o cenário informacional dominante hoje não é mais o acontecimento em si, verificado e confirmado, mas manipulações que distorcem a realidade de fatos, consumidas em velocidade surpreendente e que se consagraram explosivamente com as *fake news*² perpetradas em campanhas políticas, no Brasil e no mundo.

Suaiden (2018) indica a necessidade de reconstrução da verdade, na vigência de uma sociedade promotora de um sintoma que ele denominou como “crise da

verdade”, já que essa revolução trazida pelas inovações tecnológicas e pela internet propiciaram uma situação de exclusão, na contramão do papel inclusivo apontado como essencial à área da Ciência da Informação. A exclusão agora é referente ao acesso à própria informação de qualidade, que atravança a construção do conhecimento e, por contiguidade, dificulta a descoberta e o contato com a verdade, mediante o impacto que a desinformação fomenta a nível social.

Destarte, buscou-se na literatura autores que contribuíram de modo pertinente para identificar, pensar e tentar compreender as questões sobre a verdade com as quais a Ciência da Informação, especificamente a Biblioteconomia, vem se defrontando durante sua trajetória de construção de seu *corpus* teórico e prático. Como balizamento para os questionamentos e debates aqui pretendidos, foram consultados, entre estudiosos brasileiros, autores como Aranha e Martins (1993), Brito (2015), Bufrem (2016), Camello (2009), Chauí (2000), Pinheiro (2018), Suaiden (2018), Zattar (2017). Dentre os internacionais destacam-se Abbagnano (1998), Budd (2011), Burgess e Burgess (2011), Lingard (2013), Popper (2008) e Saracevic (1996). Os nomes aqui enumerados não contemplam todos os autores que, de alguma forma, se fazem presentes e contribuem para esta pesquisa, e nem necessariamente são todos eles cientistas da informação.

A justificativa para este artigo fundamenta-se na onda que dominou o globo, impactando não apenas o fluxo informacional em si que vai do dado até a construção do conhecimento, bem como a sua disseminação pela sociedade humana, da qual o profissional da informação é intermediário. Para Brito (2015, p. 55) citando Matheus (2005), a CI “[...] deve considerar a informação e a desinformação como objetos complementares de estudo [...]”. Porém, prossegue Brito (2015), ainda é insuficiente a bibliografia que se debruce com cuidado e atenção sobre a desinformação, tratando de modo adequado tanto esta quanto seus derivativos, tais como mentiras, equívocos, propagandas mal-intencionadas, manipulações etc.

Assim, no escopo da Ciência da Informação, desenvolve-se aqui um estudo exploratório e qualitativo, com levantamento bibliográfico da literatura nacional e internacional que versou sobre o(s) conceito(s) de verdade, utilizando as bases de dados BRAPCI e LISA na última década mais dez meses de 2019. Uma análise acerca do conceito de verdade no âmbito da Ciência da Informação foi delineada, apoiando-se nos atuais panoramas científico e social descritos anteriormente, assim como esta investigação foi instigada pela discussão crítica do tratamento dado à verdade e alavancada pela Epistemologia Social, enquanto um efeito social, em decorrência das inovações tecnológicas e da explosão de produção informacional, no campo da Ciência da Informação.

Este é o ponto de partida para a proposta de discussão acerca do conceito de verdade no âmbito da CI – sua elaboração a partir do relacionamento entre informação

e conhecimento; as possíveis consequências que surgem quando esta relação sofre a interferência da desinformação; a relevância das transformações sociais neste binômio informação-conhecimento e a incessante reelaboração da verdade.

2. A busca pela verdade

Como painel basilar sobre o qual se assentou a presente pesquisa, a “busca pela verdade” – expressão utilizada por Chauí (2000) – fundamenta nossa análise acerca do tratamento da verdade pela Ciência da Informação, e como este assunto vem sendo abordado na literatura da área.

Apresentando a verdade como um valor que “está na História e é histórica”, Chauí (2000, p. 133) considera que os diversos conceitos para ela, assim como também qualquer alteração promovida no conhecimento, “[...] mostram que as várias concepções da verdade não são arbitrárias nem casuais ou acidentais, mas possuem causas e motivos que as explicam [...]”. Em suma, todas as mudanças pelas quais passou e passa a Humanidade no transcurso do tempo, inclusive aquelas ocorridas no campo dos saberes, refletem-se diretamente em reformulações acerca do conceito de verdade, para que o conhecimento pudesse ser concretizado. Chauí (2000, p. 133) alerta para o fato de que, apesar da mutabilidade de seus conceitos, a verdade se constitui em preocupação para o homem e as ciências e é “[...] a procura da verdade e o desejo de estar no verdadeiro que permanecem. A verdade se conserva, portanto, como o valor mais alto a que aspira o pensamento”.

Não há, pois, concordância a respeito de um conceito único que defina verdade. Muito ao contrário: todas as tentativas de conceituação debatem-se entre a natureza do que é a verdade, seus usos na realidade e no imaginário, bem como todos os paradoxos possíveis até hoje identificados e estudados, conforme asseveram Burgess e Burgess (2011) em seu livro *Truth*.

Estas questões acerca da verdade vêm suscitando, desde a Antiguidade Clássica, o surgimento de teorias, visões e modos de se lidar com ela. Desde as variadas possibilidades de significado até a aplicação da verdade como referência de constância do que seja tangível ou intangível para o ser humano, ou como algo que exista dentro de um sistema de valores que norteariam a existência humana, todas as discussões seguem tangenciam o que parece ser um círculo infinito de indagações, sem lograr êxito quanto a um consenso, e esta ausência deflagra debates nas mais diversas áreas, da Filosofia à Lógica, passando pela Metafísica, a Matemática, a Epistemologia, enfim, por todos os domínios dos saberes.

Refletir sobre a verdade dentro da Ciência da Informação é extrapolar “[...] inúmeras pontuações e usos que o termo pode assumir na vida comum e até mesmo na atividade científica” (CAMELLO, 2009, p. 2). E convergindo com o discurso de Chauí

(2000), ele assevera que, independentemente da circunstância em que o homem se encontre, ele não vive sem a verdade.

Neste sentido, a verdade neste trabalho teve o enfoque elaborado pela Filosofia, conforme explicita Abbagnano (1998, p. 994),

[...] [e]m geral, entende-se por V. a qualidade em virtude da qual um procedimento cognoscitivo qualquer torna-se eficaz ou obtém êxito. Essa caracterização pode ser aplicada tanto às concepções segundo as quais o conhecimento é um processo mental quanto às que o consideram um processo linguístico ou semiótico. Ademais, tem a vantagem de prescindir da distinção entre definição de V. e critério de V. Essa distinção nem sempre é feita, nem é frequente; quando feita, representa apenas a admissão de duas definições de V.

Para o autor, estes conceitos possuem relevância histórica na área de Filosofia, particularmente a verdade como correspondência e como revelação que ele identifica como as mais disseminadas, e esclarece que “Não são nem mesmo alternativas entre si: é possível encontrar mais de uma no mesmo filósofo, embora usadas com propósito diferente. No entanto, por serem díspares e mutuamente irreduzíveis, devem ser consideradas distintas” (ABBAGNANO, 1998, p. 994).

De acordo com Karl Popper (2004), filósofo austríaco, o progresso das ciências e do conhecimento do homem estaria atrelado, como em um ciclo que se retroalimenta, a um sistema em constante mutação, tanto pela admissão de novos problemas como pela fragilidade e inconstâncias das premissas anteriormente tidas como verdadeiras. Este sistema confere dinamismo ao conhecimento e à verdade, e um maior paralelismo com esta última seria um dos objetivos das ciências.

O filósofo austríaco escreve que,

[...] [é] só em relação a esse objetivo – a descoberta da verdade – que afirmamos que, apesar da nossa falibilidade, esperamos aprender com os erros. Só a ideia da verdade nos permite falar de maneira sensata sobre os erros e a crítica racional, possibilitando a discussão racional – isto é, a que procura descobrir os erros com a intenção séria de eliminá-los ao máximo, para que nos possamos aproximar da verdade. Portanto, a própria ideia de erro – e da falibilidade – implica uma verdade objetiva, considerada como padrão que podemos não atingir (nesse sentido, a ideia de verdade é reguladora). (POPPER, 2008, p. 255)

Faz-se importante destacar que as abordagens do conceito de verdade utilizadas pelos estudos desenvolvidos no bojo da Ciência da Informação desvelassem indícios de como a área tem trabalhado a questão da qualidade da informação que

medeia, posto que o objetivo da Ciência da Informação reside, em última análise, na transferência de informação para geração de novos conhecimentos. Portanto, ao assumir a mediação entre usuário e sua busca por informação, os bibliotecários se responsabilizam, em última instância, por dar resolução a uma demanda que se assenta na busca pela verdade.

3. Concepções e teorias da verdade

A Filosofia traça um percurso da problematização da verdade, onde se pode perceber e determinar etapas do pensamento filosófico bem demarcadas, sempre em um fluir contínuo que, por vezes, se vê atravessado pelo retorno de ideias antecessoras, possibilitando não apenas revisitá-las, mas dar-lhes nova perspectiva.

Neste contexto, partindo-se das três concepções citadas acima, é possível traçar uma linha histórico-temporal em relação à formulação do conceito de verdade, utilizando-se os vocábulos que conferem significado à ideia de verdade, conforme elencados no quadro abaixo, a partir de Chauí (2000):

Quadro 1 Concepções de verdade

Origem	Significado	Considerações
Do grego Aletheia	o que é não está oculto e nem dissimulado; a verdade residiria nas coisas.	a verdade reside no que pode ser visto; é a manifestação do mundo que pode ser compreendida pela razão e pelo intelecto humanos.
Do latim Veritas	verdade como algo relacionado à exatidão de enunciado, com uma linguagem rica em detalhes e fidedigna ao fato acontecido; traduz em palavras a representação fiel de algo.	a verdade será pautada não apenas pela realidade manifesta, mas pela percepção e memória do narrador, e pela habilidade em comunicar-se via linguagem; traz a verdade dos enunciados, e não da realidade de coisas ou fatos.
Do hebraico Eemunah	reflete o sentido de confiança, assumindo um caráter transcendental através a ideia de cumprimento de pactos.	a verdade torna-se em crença por algo que acontecerá adiante, amparada em confiança; aponta para a imensa convicção nas revelações da divindade.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em CHAUI (2000).

A partir das três acepções sobre a verdade expostas acima foram formuladas “[...] diferentes concepções filosóficas sobre a natureza do conhecimento verdadeiro, dependendo de qual das três ideias originais da verdade predomine no pensamento de um ou de alguns filósofos” (CHAUI, 2000, p. 124), ensejando diferentes teorias sobre a verdade, e, dentre elas, quatro foram elencadas e sistematizadas a seguir.

Quadro 2 Teorias da verdade

Teoria	Quanto à origem do termo verdade	Quanto ao que é considerado verdadeiro	A verdade é o acordo
da correspondência ou correspondencial ou realista	do grego <i>aletheia</i>	as coisas e as ideias são consideradas verdadeiras ou falsas.	<p>- entre o pensamento e a realidade;</p> <p>(preconiza que a verdade seria a conformidade que se obtém entre o fato e a proposição ou pensamento, e que é formado fora do espírito ou do raciocínio do homem, mediada pelo discernimento e pelo entendimento).</p>
da coerência interna ou coerencial ou idealista	do latim <i>veritas</i>	os enunciados, os argumentos e as ideias (verdadeiros ou falsos).	<p>- do pensamento e da linguagem consigo mesmos, a partir de regras e princípios que eles deram a si mesmos, em conformidade com sua natureza, e sendo a mesma para todos os seres;</p> <p>(preconiza que uma proposição é verdadeira quando se mostra coerente com outras proposições que compõem o sistema de crenças de um indivíduo).</p>

de convenção ou consensual	do hebraico <i>emunach</i>	os enunciados, os argumentos e as ideias (verdadeiros ou falsos).	- do pensamento e da linguagem consigo mesmos, a partir de regras e princípios que eles deram a si mesmos, em conformidade com sua natureza, e sendo a mesma para todos os seres; (preconiza que a verdade é o resultado do pacto entre membros de uma comunidade, mediante estabelecimento de regras universais acerca do conhecimento).
pragmática ou da utilidade	do latim <i>pragmaticus</i> ; do grego <i>pragmáticos</i>	são os resultados que recebem a denominação de verdadeiros ou falsos.	- entre o pensamento e a realidade; (preconiza que uma proposição é verdadeira se houver utilidade prática para apoiá-la).

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em CHAUI (2000).

Chauí (2000) salienta que todas estas concepções filosóficas e teorias da verdade são o resultado de contextos sociais (mudanças estruturais e de organização das sociedades), assim como também de alterações na própria Filosofia.

4. A promessa de verdade

Buscando fundamentos em Bufrem (2016) e Budd (2011), a seguir serão tecidas considerações sobre a questão da verdade no âmbito da relação estabelecida sobre o trinômio informação-conhecimento-verdade.

De acordo com Budd (2011), a concepção de verdade, suas propriedades e sua existência, assim como suas relações com a informação e o conhecimento, vem sendo alvo de preocupações e inquições por parte da Filosofia e de outros domínios dos saberes, como a Linguística e Antropologia por exemplo.

O panorama histórico cunhado por Bufrem (2016) corrobora o que afirma o cientista norte americano, sendo legítimo pressupor que tanto informação, quanto conhecimento e verdade, semanticamente apresentem uma vinculação muito estreita e próxima, forjando ao longo do tempo uma espécie de nó górdio que não aparenta estar próximo de ser desatado. Nas palavras da autora:

Resultantes da maior ou menor convicção sobre a possibilidade de se atingir o conhecimento e de se chegar à verdade, desdobram-se, correntes subjetivistas, empiristas, realistas, racionalistas, idealistas e pragmáticas, permeadas por posições céticas e niilistas desde a antiguidade, suspeitando ou negando a possibilidade de se chegar à verdade, relativizando essa possibilidade ou sua integridade enquanto verdade absoluta. (BUFREM, 2016, p. 99)

Para Bufrem (2016, p. 98), conceber uma ligação entre verdade e conhecimento é factível e necessária já que “[...] o conhecimento que se legitima é aquele considerado verdadeiro”. Neste sentido, observa-se que, onde está colocado o conhecimento, ao seu lado encontra-se o questionamento sobre algo ser verdadeiro ou não, ou, se colocado de modo diverso: se é real ou não. Convém, portanto, conjecturar sobre a distinção entre verdade e realidade já que, como alega Bufrem (2016, p. 101), “[...] a verdade científica não resulta da descrição da realidade em si, mas do resultado de um esforço para a compreensão dessas relações e condições, que inclui um esforço de objetividade relativa às informações e aos conhecimentos situados no espaço e no tempo”.

Aranha e Martins (1993) sugerem também como um ponto de partida a distinção entre verdade e realidade, pois, explicam as autoras, é passível de haver equívoco ou imprecisão quando do emprego dos dois conceitos. E lançam como exemplificação um objeto concreto sobre o qual tudo o que o indivíduo pode assegurar é que ele seja real, mas não que ele seja verdadeiro ou falso, pois verdade e falsidade “[...] não estão na coisa mesma, mas no juízo e, portanto, no valor da nossa afirmação” (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 42). E complementam: “Há verdade ou não dependendo de como a coisa aparece para o sujeito que conhece. Por isso dizemos que algo é verdadeiro quando é o que parece ser”. Isto corrobora Bufrem (2016, p. 98) quando ela discorre sobre fenomenalismo, explicando que esta corrente filosófica assume que o “[...] conhecimento não se refere às coisas como são, mas como nos aparecem”.

O julgamento sobre existência de verdade ou de falsidade, dizem ainda Aranha e Martins (1993) acontece na consciência/pensamento/mente do ente que, assim, pode promover a ligação sujeito-objeto, binômio que compõe o processo do conhecimento, e que se faz igualmente presente nos fluxos informacionais, os quais podem ou não resultar em saber.

Citar informação nos remete a Budd (2011, p. 56-57) quando o autor explana sobre informação, sua relação com a verdade e com o conhecimento, e a validade da pesquisa sobre significado (semântica), emitindo os seguintes questionamentos: 1. “O que a informação tem a ver com significado e verdade?”; 2. “Significado e a verdade são necessários para que a informação exista?”.

Ao comentar as pesquisas em CI e as diversas abordagens que foram propostas para a informação e seu vínculo com a verdade e o significado, Budd (2011) demonstra alguns modos por meio dos quais este elo pode ser abordado:

[...] a informação deve ser verdadeira para que ela tenha uma qualidade informadora; a informação é um fenômeno separado da verdade; a verdade de qualquer “coisa” potencialmente informativa depende de certos elementos estruturais; um pode ser examinado sem admitir a existência do outro; a informação precisa ter um significado inerente ou pode incluir um significado interpretável? (BUDD, 2011, p. 57)

A observação de caráter filosófico sobre o trinômio informação-conhecimento-verdade conduz Budd (2011, p. 60) à afirmação de que muitos pensadores vinculam verdade e significado de tal sorte que, “[...] em certo sentido, não pode haver verdade a menos que haja significado. Uma sentença verdadeira também é uma sentença significativa”.

O autor discorre quanto a alguns aspectos técnicos do estudo do significado, mas o que chama a atenção é que ele está diretamente suscetível ao contexto, algo que afeta a relação sujeito-objeto, os fluxos informacionais e o processo do conhecimento já explanados anteriormente. A conexão entre semântica (os significados) e informação fica claramente estabelecida por Budd (2011), embora, como ele mesmo expressa, não seja uma questão fechada.

Budd (2011) esclarece que, além da semântica, a retórica precisa ser considerada, pois ela é outro fator do qual o significado depende, expondo a questão da intencionalidade como uma das características tanto da linguagem quanto da ação comunicativa:

Na comunicação formal, o significado (compreensão mútua das partes dos falantes e ouvintes) depende da afirmação (e da clareza da afirmação) da intencionalidade subjacente aos processos e produtos que levam ao que é comunicado. (BUDD, 2011, p. 63)

Há mais do que isso ainda por ser debatido, como há mais do que simples procura de certezas quando se pretende averiguar sobre a verdade, e a advertência de Michael P. Lynch (2004) sobre esta diligência é aceita por Budd (2011). Diz Lynch (2004):

A ideia de que o valor de perseguir a verdade repousa sobre a possibilidade de certeza é simplesmente um mito... A certeza é o privilégio do fanático. O homem mais perigoso é aquele que tem certeza absoluta de que seu caminho é o caminho certo. (LYNCH, 2004, p. 27-29 apud BUDD, 2011, p. 68)

Budd (2011) considera que qualquer teoria da informação, ao resolutamente abarcar não apenas o significado, mas também a verdade, deve fazê-lo de modo específico, compreendendo que a verdade tanto se serve da objetividade quanto da subjetividade; e que mesmo estando atrelada à razão, também se liga aos diversos contextos aos quais ela está submetida.

As questões elencadas sobre estudos e inferências de campos como a Filosofia e a Linguística na formulação de uma definição para informação, levam Budd (2011) a considerar o papel relação verdade-mentira nas ações comunicativas entre os sujeitos, e conseqüentemente, nos fluxos informacionais e no progresso do conhecimento, embora ele discorde de Buckland (1991) quanto à assertiva de que tudo é informação, chegando à conclusão de que a mentira seria o ato intencional de impedir a informação de alcançar outrem.

5. Apresentação e discussão dos resultados

A opção como metodologia foi a de se conduzir uma pesquisa exploratória e qualitativa, empreendendo levantamento bibliográfico em duas bases de dados no escopo da CI:

– a BRAPCI – Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação, que disponibiliza referências e resumos de 19.255 textos publicados em 57 periódicos nacionais impressos e eletrônicos da área;

– a LISA – Library Information Science Abstracts, um serviço internacional que oferece resumos e indexação buscando facilitar a pesquisa para a comunidade da área da CI, oferecendo acesso a aproximadamente 300 periódicos, abrangendo cerca de 40 países em 20 idiomas diferentes.

Os procedimentos referentes aos levantamentos bibliográficos nas bases BRAPCI e LISA estão sumarizados no Quadro 3 abaixo, diferindo quanto ao idioma e aos termos de busca, além dos delimitadores usados para filtragem dos resultados.

Quadro 3 Levantamento bibliográfico nas bases de dados BRAPCI e LISA

Categorias	BRAPCI	LISA
Termos de busca	verdade, em português;	<i>truth</i> AND <i>“information science”</i> ;

Delimitadores de busca	1. Intervalo de tempo personalizado (entre 2009 e 2019); 2. Pesquisa apenas pelo título	1. Intervalo de tempo personalizado (entre 2009 e 2019); 2. Pesquisa em dois campos distintos: - <i>truth</i> : em “título do documento – T1”; - “ <i>information science</i> ”: em “qualquer lugar, exceto texto completo – NOT”.
Nº de títulos recuperados	38 obras	38 obras
Nº de títulos selecionados	9 obras	9 obras

Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando que as palavras-chaves de um artigo científico se configuram como uma área de alto conteúdo significativo, conforme demonstra a literatura sobre Indexação e Resumos, as palavras-chaves dos artigos selecionados na BRAPCI foram sistematizadas no Gráfico 1, abaixo.

Gráfico 1 Palavras-chaves dos textos recuperados na BRAPCI

arquivo arquivos do regime militar biblioteca pública
 biblioteconomia ciência cognitiva **ciência da informação (4)**
 concepção dialética conhecimento desinformação
 era digital **fake news (4)** fonte de informação
 forma de verdade hipertrofia da informação
 inclusão informacional inclusão social **informação (4)**
 informação científica interação com a comunidade
pós-verdade (6) prática arquivística público leitor
 regimes de verdade silenciamento **verdade (2)**

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação às palavras-chaves dos títulos recuperados na base de dados LISA, diferentemente do que aconteceu com os títulos da BRAPCI, não ocorreram repetições nesse *corpus*, estando todas sistematizadas no gráfico a seguir:

Gráfico 2 Palavras-chaves dos textos recuperados na LISA

abduction authority behaviour case studies
 critical realism critical thinking edge clustering ego network
 ethics information information literacy
 information science information theory information-seeking
 knowledge librarianship meaning-making media
 node profile online social network ontology
 philosophical concepts power semantics sense-making
 social circles identifying social responsibility trust

Fonte: Elaborado pela autora.

As palavras-chaves com maior ocorrência na base de dados BRAPCI (Gráfico 1) demonstram que, ao tratar da verdade na CI, os autores brasileiros promovem reflexões acerca da pós-verdade¹ e das *fake news*², temáticas em voga no cenário atual. Com relação à base de dados internacional LISA, com número constante de ocorrências de palavras-chaves, em termos quantitativo, o Gráfico 2 demonstra que os autores recuperados nesta base relacionam a verdade a diversos temas que vão desde redes sociais até conceitos filosóficos e à política, sem destaque para uma temática em detrimento de outras.

No que diz respeito à terminologia, a investigação da constituição da CI de Pinheiro (2018) apresenta considerações acerca da área que corroboram o que disseram Saracevic (1996) e Araújo (2018) quanto às mudanças de caráter científico serem decorrentes da influência da Epistemologia e da interdisciplinaridade. A respeito de interdisciplinaridade, Pinheiro (2018, p. 116) a define pela agregação de “[...] resultados

1 Pós-verdade: substantivo que remete a ocasiões em que fatos concretos possuem menor influência em construir a opinião pública do que os apelos emocionais e as crenças pessoais. Disponível em: <<https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/14227>>. Acesso em: 13 mai. 2019.

2 *Fake news*: tradução “notícias falsas”.

de várias disciplinas, tomando-lhes de empréstimo esquemas conceituais de análise, a fim de fazê-los integrar depois de havê-los comparado e julgado”. A horizontalidade é apontada como um importante fator que contribui para esta interdisciplinaridade já que consiste na “[...] capacidade da informação perpassar todos os campos, na sua condição de informação especializada” (PINHEIRO, 2018, p. 115-116).

A autora considera que todas as modificações epistêmicas e terminológicas encontradas sinalizam uma ciência em franca evolução. As mudanças terminológicas, segundo Pinheiro (2018) ocorrem de modo regular e mais rapidamente, sob a ingerência dos diversos idiomas. As alterações epistemológicas, contudo, são mais demoradas e ocorrem por meio de “[...] novos princípios, metodologias, sistemas, produtos e serviços de informação, por sua vez consequência de regimes e ações de informação distintos, bem como de tecnologias da informação e comunicação [...]” (PINHEIRO, 2018, p. 128).

A partir do que diz Pinheiro (2018) no tocante à questão da CI, faz-se necessário recuperar o artigo de Budd (2011) a esse respeito. Nele, o autor considera que a informação precisa ser conceituada a partir do contexto de significado e verdade, ou seja, sopesando a importância da compreensão e aplicação de uma epistemologia de significado e verdade como princípios que situem a informação no âmbito da realidade. Assim, enumerando diversos teóricos e suas concepções, desde Buckland (1991) que concebe a informação como processo, conhecimento e coisa, até Rowley (1998) que entende a informação como estímulo gerador de respostas, o autor conclui que uma conceituação mais clara de informação é necessária, uma vez que segundo ele, até então, todas as que foram construídas “[...] falham em estabelecer parâmetros que possibilitem indagações e práxis [...]” (BUDD, 2011, p. 60).

Por fim, Budd (2011) decide caracterizar a informação como uma ação comunicativa, resultante de ação do homem e, portanto, algo produzido por ele mediante a utilização intencional da linguagem. Assim, a informação precisa ser significativa, pois comunicação exige emissor e receptor que compreendam o significado da mensagem. Em outras palavras, o autor vincula informação à significado, semântica e linguística, contextualizando-a e indicando a existência da intencionalidade e de princípios da retórica, pressupondo aí a observância de princípios da ética que deveriam impedir a distorção da informação, isto é, a desinformação.

Importante destacar que toda a tese construída por Budd (2011) está voltada para os estudos no escopo da CI, particularmente em relação à recuperação da informação. Essa recuperação pode ser em busca de informação ou de desinformação. Sobre isso, o autor comenta que:

[...] quando as pessoas tentam recuperar informações, geralmente pretendem obter acesso a atos comunicativos, significativos e verdadeiros. Há momentos, no entanto,

em que as pessoas prefeririam ter suas crenças, concepções ou mesmo preconceitos chancelados por atos comunicativos. Essas pessoas, sem dúvida, serão capazes de recuperar esses tipos de atos. [...] A recuperação não se encaixa na teoria proposta aqui. Existem pessoas que procuram atos comunicativos falsos, mas não estão procurando informações. O que essas pessoas podem aceitar e usar não suportará o escrutínio criterioso que definem as informações [...]. (BUDD, 2011, p. 72)

Budd (2011) afirma que a informação é um ato comunicativo que não prescinde de significado e verdade, enquanto a desinformação, por outro lado, não é considerada pelo autor como informação. A estipulação dessa diferença é crucial para o trabalho executado, no âmbito da CI, seja em bibliotecas, arquivos, museus ou outras unidades de informação, já que compreender o que é ou não é informação causa impacto na avaliação de conteúdos de textos e documentos, comenta o autor. E concluindo sua tese, Budd (2011) a lança ao debate livre e crítico, e portanto, à refutação por seus pares, o que é aceito por Robert Lingard.

Lingard (2013) examina as conclusões de Budd (2011) a respeito do conceito de informação, e sua relação com significado e verdade, afirmando que a conceituação enunciada por Budd (2011) “[...] é muito restritiva e não pode explicar situações de conflito [...], ou sua resolução [...]” (LINGARD, 2013, p. 462).

O objetivo de Lingard (2013) ao responder aos questionamentos de Budd (2011) sobre a conceituação de informação enunciada por este autor, é oferecer uma resolução às questões e problemas por ele, Lingard, identificados na argumentação de Budd (2011). Destarte, ele propõe uma “[...] definição de informação que permite a aplicação em situações de conflito ou dissonância com relação ao uso da informação [...]” (LINGARD, 2013, p. 481).

Ao analisar detalhadamente o texto *Meaning, Truth and Information* de Budd (2011), Lingard (2013) identifica quatro características para a informação. São elas: informação é uma ação comunicativa; informação não é algo que não é comunicado; informação é produzida por uma atividade humana por meio da utilização da linguagem, de maneira deliberada e intencional; informação precisa de avaliação de pessoas que a entendam como tendo significado ou como sendo algo significativo.

Por considerar insuficientes tanto a definição quanto a teoria da informação de Budd (2011), o autor propõe que elas sejam objetos de análises mais detalhadas, e enumera alguns pontos a este respeito: a redefinição do conceito de informação de Budd; a busca por maiores esclarecimentos quanto à relação entre verdade, significado e informação; a sugestão de uma ontologia setorial baseada em abordagem realista crítica para que seja construída a definição de informação; e a proposição de que seja dada à informação uma definição mais vigorosa, com propriedade dos

dois conceitos – verdade e significado, de modo que ela possa dar conta de situações como engano, desinformação, ausência de sentido etc.

Para Lingard (2013), esta perspectiva à qual chama de “realista crítica” traria impactos significativos para a análise de documentos feita pela CI, como ferramenta de auxílio na compreensão e produção de sentidos, por exemplo.

A discussão sobre informação não cessa, obviamente, com as críticas de Lingard (2013) ao artigo de Budd (2011), e ambos os autores aceitam, esperam e estimulam o debate, que acaba se estendendo a outros autores cujos trabalhos não serão considerados aqui. Algumas reflexões e alguns enlaces, todavia, podem e devem ser feitos a partir da obra de John M. Budd e da resposta proposta por Robert Lingard, sobre não apenas a definição e a teoria da informação, mas sobre outros aspectos considerados, ora por um, ora por ambos os autores.

Mantendo-se ainda no contexto da informação, o debate estabelecido pelos dois autores sobre desinformação ser ou não informação repercute de modo semelhante em outros estudiosos e pesquisadores.

Citado por Zattar (2017), Fallis (2015) afirma que desinformação é um tipo de informação, embora faça a ressalva de que faz uso do termo informação como conteúdo representacional tanto falso quanto verdadeiro. Este posicionamento de Zattar (2017) embasado em Fallis (2015) vai na direção oposta ao pensamento de Budd (2011), que não considera desinformação como informação. Para ele, a compreensão da ação informativa está diretamente vinculada tanto ao entendimento do que é informação, quanto à percepção do que não é, e neste caso, se tudo for considerado informativo, não há uma definição precisa de informação. Sem esta conceituação, não pode existir teoria da informação, segundo o autor.

A resposta de Lingard (2013) a Budd (2011) a este respeito é uma defesa quanto a mentiras e enganos serem considerados como informações, mas:

[...] com diferentes misturas de verdade e significado ao das verdades comumente aceitas ou dos fatos estabelecidos. Além disso, informações enganosas, quando coletadas em circunstâncias cuidadosamente restritas, podem ser usadas dedutivamente para descobrir informações verdadeiras e significativas, como atestam os jogadores de jogos de lógica. O valor epistemológico da informação enganosa, portanto, precisa ser cuidadosamente avaliado em vez de simplesmente descartado por falta de valor. (LINGARD, 2013, p. 490-491)

Uma rápida pesquisa no texto de Budd (2011) revela que ele não usa *disinformation*, mas sim *misinformation*, outro termo também já citado anteriormente neste trabalho. Em inglês, a distinção é mais clara entre os dois tipos de desinformação, como já discutido em outro item.

Na busca por esclarecer e aprofundar as discussões sobre *disinformation* e *misinformation*, Karlova e Fisher (2013 apud BRITO, 2015, p. 64) propuseram uma sistematização sobre as especificidades dos dois termos em comparação com “informação”, dentro de seus contextos de uso:

Quadro 4 Comparação entre atributos de Informação, *Disinformation* e *Misinformation*

Categorias	Informação	<i>Misinformation</i>	<i>Disinformation</i>
Verdadeira	Sim	Sim / Não	Sim / Não
Completa	Sim / Não	Sim / Não	Sim / Não
Corrente	Sim	Sim / Não	Sim / Não
Informativa	Sim	Sim	Sim
“Deceptiva”	Não	Não	Sim

Fonte: BRITO (2015, p. 64).

De acordo com o quadro acima, a informação possui necessariamente como atributos, afirma Brito (2015, p. 64), “[...] ser verdadeira, corrente e informativa. Ela pode ser completa, ou não, dependendo do contexto e do tempo, e não pode ser “deceptiva”, ou seja, com a finalidade de enganar o receptor desta [...]”. Já *misinformation* deve ser informativa, verdadeira ou não, completa e corrente, de acordo com o contexto, mas não “deceptiva.” E por fim, *disinformation* pode ser verdadeira ou não, completa, corrente e informativa, mas deve ter essencialmente, o objetivo de enganar.

Talvez resida neste ponto a discussão entre Budd (2011) e Lingard (2013), pois, como assegura Brito (2015) na dependência do contexto e do tempo, e apesar da intenção de enganar, o que pode ocorrer é um paradoxo e acabar por haver o repasse de informação, como explica o autor:

Se o ambiente ao redor do dado produzido se modifica radicalmente, seja no tocante às relações sociais ou eventos temporais, o que era desinformação poderia se transformar abruptamente em informação acurada [...] Um evento que ocorre, inesperadamente, depois do previsto, em que ter-se-ia desinformado de antemão um eventual participante sobre um horário tardio seria um exemplo desse tipo de circunstância. A aleatoriedade ao mudar o fator tempo, transformou *disinformation* em informação. (BRITO, 2015, p. 64)

Com referência à verdade, Lingard (2013) demonstra que Budd (2011) coteja alguns autores e suas abordagens teóricas sobre ela, como Tarski e sua teoria com foco na semântica, as teorias de correspondência e coerência, sob a ótica de Schmitt, a teoria de James sob a ótica pragmática e a de Rorty sob a ótica da justificação. Todas são consideradas insuficientes e, portanto, são descartadas quer por serem muito restritivas, quer por se aterem exclusivamente às questões práticas, ou no uso da linguagem, sem abarcarem integralmente as muitas possibilidades de se considerar a verdade.

O debate protagonizado pelos dois autores mencionados anteriormente não se aprofunda na questão da verdade em si. Assim sendo, nos parece apropriado retomarmos o artigo de Budd (2011) e observarmos sua referência a dois outros pesquisadores que também encararam o desafio de abordar a verdade como tema de seus estudos em CI. Labaree e Scimeca (2008 apud BUDD, 2011, p. 69) asseveram que

[...] [o] conceito de verdade permanece amplamente indefinido no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Como consequência, a análise é predominantemente considerada apenas dentro de um determinado contexto relacionado à interpretação da veracidade na prática, entendendo a verdade quando aplicada às teorias filosóficas existentes ou implícita em discussões filosóficas sobre criação de conhecimento, organização do conhecimento e ideias sobre a realidade.

Para Budd (2011, p. 69), estes autores promoveram um exame amplo sobre como a CI trata a verdade, além de suscitar “[...] preocupações relacionadas às várias maneiras pelas quais a verdade pode ser concebida e como essas variações são importantes para a CI”.

Como conclusão para a problematização da verdade nas pesquisas no escopo da CI, Labaree e Scimeca (2008 apud BUDD, 2011, p. 69) apontam como direção a aplicação de uma:

[...] posição historicista específica (que não defende leis de previsão, mas que situa crenças nos meios sociais e intelectuais). “O historicista não está preocupado com a verdade objetiva das [teorias de correspondência ou coerência], mas com as maneiras pelas quais elas se tornaram parte... a teoria social da realidade.”

A visão de Labaree e Scimeca (2008) citada por Budd (2011) a respeito da aplicação de uma posição historicista da pesquisa sobre verdade no âmbito da CI, vem ao encontro do que afirma Chauí (2000):

As várias concepções da verdade que foram expostas estão articuladas com mudanças históricas, tanto no sentido de mudanças na estrutura e organização das sociedades, como quanto no sentido de mudanças no interior da própria Filosofia [...] As concepções históricas e as transformações internas ao conhecimento mostram que as várias concepções da verdade não são arbitrárias nem casuais ou acidentais, mas possuem causas e motivos que as explicam, e que a cada formação social e a cada mudança interna do conhecimento surge a exigência de reformular a concepção da verdade para que o saber possa realizar-se. (CHAUI, 2000, p. 132-133)

Chauí (2000) assegura que ainda que mudem os assuntos e as maneiras de se obter conhecimento, e por conseguinte a verdade (ou verdades), a procura pelo que seja verdadeiro permanece, ou seja, se mantém a premissa de derrotar o senso comum, a conduta instintiva e os prejulgamentos. Assim, a busca pela verdade bem como o desejo de estar sempre imerso no que é verdadeiro apresentam-se como cruciais, constituindo-se em uma constante durante toda a trajetória humana.

6. Considerações finais

A partir da discussão sobre a maneira pela qual a área da CI vem lidando com o conceito de verdade a partir de seu objeto de pesquisa, a informação registrada e socializada, esta pesquisa foi conduzida se amparando em alguns aspectos, quais sejam, a informação, o conhecimento, a verdade, a Epistemologia, a Filosofia, e a evolução da própria CI, congregando-se as relações entre estas disciplinas, cada qual com sua visão sobre os fluxos informacionais, a construção do conhecimento e a busca pela verdade, de acordo com suas naturezas.

Foram abordadas algumas teorias filosóficas sobre verdade, resumidamente esboçadas ao longo deste trabalho, com as visões de filósofos e pesquisadores, expondo as diversas contribuições que foram ofertadas e apreendidas pela CI desde seu estabelecimento até hoje.

Através do debate de ideias, oportunizou-se cotejar teorias e posições epistemológicas, e a necessária identificação de conceitos como informação, desinformação e *misinformation*. Necessária porque a subversão dos fatos e remontagem da realidade pode, a princípio, parecer uma invenção da contemporaneidade, mas um olhar mais atento para a História demonstra que isto não procede. A desinformação não é invenção exclusiva dos séculos XX e XXI. Contudo, a velocidade em que ela se dissemina, está intimamente ligada a todo o aparato tecnológico que a contemporaneidade viu surgir, em uma sociedade que se consagrou chamar de “sociedade da informação”.

Debates sobre o que seria ou não informação, especificamente no que tange a conceitos como *disinformation* e *misinformation*, respondem ao atual cenário de hiper informatividade, com informações (fidedignas ou não) sendo consumidas em ritmo alucinante e sem a certificação de origem confiável de suas fontes, segundo Budd (2011). Essa perspectiva se confirmou nessa pesquisa uma vez que se identificou uma carência da literatura de CI no tocante a reflexões cujo objeto seja verdade, porém se percebeu uma tendência de maior número de publicações acerca da desinformação, com predomínio da Filosofia sobre a CI neste aspecto.

Contudo, deixar a cargo somente da Filosofia a discussão sobre verdade é perder a oportunidade de utilizar a interdisciplinaridade tão afeita à CI, e não se apropriar do papel de mediação informação-usuário que cabe à área e a seus profissionais.

À CI não basta somente o aprimoramento das técnicas de construção de sistemas de recuperação de informação. Ela deve se destacar através do seu papel enquanto instrumento de disseminação de informações verídicas. Cabe a ela possibilitar não apenas a efetiva transmissão dos saberes oriundos de fontes de informação fidedignas, fundamentada em princípios que certificam e atestam a veracidade daquilo que refere e/ou divulga, mas também oportunizar o desenvolvimento de competências informacionais nos indivíduos que demandam, utilizam e/ou também geram informações difundidas via Internet que não possuem um “selo de qualidade”, como explica Smit (2012). Há que exortá-los a assumir, como hábito e aliado na busca pelo conhecimento e pela verdade, a reflexão e o pensamento crítico a respeito do volume informacional que diariamente lhes alcança.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. tradução Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo, Moderna, 1993. Acesso em: 21 set. 2019.
- ARAÚJO, C. A. V. “Um mapa da ciência da informação: história, subáreas e paradigmas”. *Convergências em Ciência da Informação*, São Cristóvão, v. 1, n. 1, p. 47-72, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/106625>>. Acesso em: 14 out. 2019.
- BRITO, V. P. *Poder informacional e desinformação*. Belo Horizonte, 2015. 550 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/23416256/PODER_INFORMACIONAL_E_DESINFORMA%C3%87%C3%83O>. Acesso em: 10 out. 2019.

- BUDD, J. M. "Meaning, Truth, and Information: Prolegomena to a Theory". *Journal of Documentation*, Bradford, v. 67, n. 1, p. 56-74, jan. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1108/00220411111105452>>. Acesso em: 16 abr. 2019.
- BUFREM, L. S. "Informação, conhecimento e verdade: discussões contemporâneas". *Brazilian Journal of Information Science*, Marília, v. 10, n. 2, p. 89-102, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5645861>>. Acesso em: 9 jul. 2019.
- BURGESS, A. G.; BURGESS, J. P. *Truth*. Nova Jersey, Princeton University Press, 2011.
- CAMELLO, M. J. O. "A questão da verdade na Filosofia". *Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia*, Pouso Alegre, n. 1, v. 1, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.theoria.com.br/?p=33>>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo, Ática, 2000. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5645861>>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- LINGARD, R. G. "Information, Truth and Meaning: a Response to Budd's Prolegomena". *Journal of Documentation*, Bradford, v. 69, n. 4, p. 481-499, 2013. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/0022-0418.htm>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- PINHEIRO, L. V. R. Mutações na ciência da informação e reflexos nas mandalas interdisciplinares. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 28, n. 3, p. 115-134, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43317>>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- POPPER, K. R. *A lógica das ciências sociais*. Trad. Estevão de Rezende Martins, Apio Cláudio Muniz Acquarone Filho, Vilma de Oliveira Moraes e Silva. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. p. 13-14, 2004.
- POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações: o progresso do conhecimento científico*. Trad. Sérgio Bath. 5. ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2008.
- SARACEVIC, T. "Ciência da informação: origem, evolução e relações". *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>>. Acesso em: 24 set. 2019.
- SMIT, J. W. "A informação na Ciência da Informação". *INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 84-101, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/48655>>. Acesso em: 7 ago. 2019.
- SUAIDEN, Emir José. "O papel da biblioteca pública na reconstrução da verdade". *Ciência da Informação*, Brasília, v. 47, n. 2, 2018. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/99265>>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- ZATTAR, M. "Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação". *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 285-293, nov. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18617/liinc.v13i2.4075>>. Acesso em: 11 set. 2019.